



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO: PARCERIA ENTRE O CENTRO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO IRMÃ JOANA GASPARIM (CAEE) E O COLÉGIO MUNICIPAL RUY BARBOSA REMANSO BAHIA

Sileide Mendes da Silva ¹

RESUMO: A educação inclusiva pode ser entendida como uma concepção de ensino atualmente que tem como objetivo assegurar o direito de todos à educação. Traz como objetivo analisar a inclusão do educando surdo na escola pública regular. Fundamentado na pesquisa bibliográfica autores como Mantoan (2015), Quadros (2006), Sassaki (2006), dentre outros, como também recorrendo a pesquisa de campo ficou nítido que a educação inclusiva traz consigo uma mudança dos valores da educação tradicional, o que demanda desenvolver novas políticas e reestruturação da educação. Assim, a Educação Inclusiva é a transformação para uma sociedade inclusiva, um processo em que se amplia a participação de todos os alunos nas escolas de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas, de forma que estas venham de encontro à diversidade dos alunos ali presentes. Espera-se que por meio deste trabalho seja desenvolvido um novo olhar e uma nova postura para responder as necessidades do trabalho com a Educação Inclusiva de surdos nas escolas. A inclusão escolar causa medo, incertezas e inseguranças. O processo de inclusão refere-se basicamente a um processo educacional que visa entender ao máximo ao aluno com deficiência na escola regular.

Palavras-Chave: Aluno surdo, Educação Inclusiva, Formação do professor.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o debate da inclusão escolar assumiu posição beneficiada. No entanto, existem várias contestações no plano dos discursos e das realizações. Existem autores e profissionais que, resguardando a inclusão escolar como parte integrante de um movimento abrangente de inclusão social, agindo na educação pela universalização do acesso e pela igualdade na instituição escolar. E, existem aquelas pessoas, pouco informados e esclarecidos, que têm interpretado a inclusão escolar como simples acesso de estudantes com algum tipo de deficiência na classe comum.

Diante disso, pergunta-se: Como dever ocorrer a inclusão do aluno surdo na rede regular de ensino? A educação inclusiva deve valorizar as especificidades de cada aluno, atender a todos na escola, abranger a diversidade, sem nenhum tipo de diferenciação. A inclusão é um processo repleto de imprevistos, sem receitas prontas e que demanda aperfeiçoamento contínuo.

¹ Mestra em Ciências da Educação. Graduada em Pedagogia (UESPI-PI) e Matemática (UNEB-BA). Pós graduada em Coordenação Pedagógica; Ensino da Matemática; Educação Infantil; Psicopedagogia Clínica e Institucional. Professora e coordenadora do Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Bahia. Professora da Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN- REMANSO BAHIA), sileidemendes.uneb@gmail.com.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

A escolha desta temática fundamenta-se na relevância de entender sobre o processo de inclusão do aluno surdo da educação básica na rede regular, uma vez que a Política Educacional atual, cujo princípio essencial preza pela “Educação para todos”, tem como uma de suas metas principais a inclusão, preferencialmente, no ensino regular, de alunos com deficiências independentemente de suas particularidades.

A pesquisa foi feita através de uma pesquisa bibliográfica como também realizou-se uma entrevista com Edilane Ferreira Vieira Santos diretora do Centro de Atendimento Educacional Irmã Joana Margarida Gasparin (CAEE) localizado em Remanso Bahia

Assim, teve como objetivo geral: Analisar inclusão do educando surdo na escola pública regular. Como objetivos específicos: Discutir o que é educação inclusiva; discutir a importância e a necessidade da inclusão escolar na prática pedagógica das escolas e conhecer o papel do professor em relação ao aluno surdo em sala de aula.

Lidar com a inclusão é muito relevante para que o aluno se adeque ao ambiente escolar e possa continuar o seguimento de seus estudos no Ensino Fundamental, médio e nível superior sem grandes empecilhos.

Durante muito tempo, a educação inclusiva era praticada de maneira paralela, os estudantes frequentavam uma instituição específica. Mas, muitas escolas estão investindo em estratégias concretas de inclusão para que todas os alunos aprendam e se desenvolvam no mesmo local de ensino, sempre respeitando o tempo e as especificidade de cada sujeito.

METODOLOGIA

Este presente trabalho foi realizado com base em registros bibliográficos, devidamente estudados e selecionados, que se consistiram na ideia de contextos históricos – culturais inclusivos, que assim deu norte ao tema abordado.

Como Antônio Severino cita em uma de suas obras,

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, tese etc. Utiliza – se de dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros

pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam – se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO 2007, p. 122).



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

A pesquisa foi meramente bibliográfica e teve como objetivo mostrar o quanto é urgente e importante que seja modificada a forma com a qual a educação inclusiva é efetivada nos mais diversos graus do ensino.

Utilizou-se também da pesquisa de campo lançando mão da entrevista não estruturada direcionada para Edilane Ferreira Vieira Santos. Edilane Ferreira Vieira Santos está na direção do Centro de Atendimento Educacional Irmã Joana Margarida Gasparin (CAEE) localizado em Remanso Bahia.

A entrevistada possui formação em Licenciatura Plena em Normal Superior. Especialização em Psicopedagogia, LIBRAS, Educação de Surdos e Neuropsicopedagogia. Atuou em Educação inclusiva há 20 anos e desses 20 anos na educação, 15 anos atuando na educação de surdos como intérprete de LIBRAS.

REFERENCIAL TEÓRICO

O QUE É A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva deve valorizar as especificidades de cada aluno, atender a todos na escola, abranger a diversidade, sem nenhum tipo de diferenciação. A inclusão é um processo repleto de imprevistos, sem receitas prontas e que demanda aperfeiçoamento contínuo (MANTOAN, 2015).

Percebe-se que a inclusão seja digna de análise e deva acontecer em todas as instâncias da sociedade, iniciando do princípio de que a instituição escolar é o local específico de formação das pessoas formadoras desta sociedade.

Quando se fala em educação no âmbito escolar, refere-se a criar oportunidades de participação e aprendizado para todos os estudantes independente de haver alguma condição social, pessoal, cultural ou alguma deficiência (MANTOAN, 2015).

A escola deve se preparar de acordo com a exigência de cada estudante que ingressa. Deve-se levar em conta a capacidade de alunos em sala, a infraestrutura, alguns materiais ou equipes para atender certas deficiências, e acima de tudo, a constante capacitação dos docentes para que eles possam saber como tratar os alunos, como fazer as adaptações curriculares, que



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

materiais eles precisam para chegar a esses estudantes e cumprir os objetivos de aprendizagem (RODRIGUES, 2006).

O processo inclusivo deve ser realizado por todos no âmbito escolar. Como afirma Paulon:

A formação do professor deve ser um processo contínuo que perpassa sua prática com alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio. É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de educação estes profissionais tem se dedicado, trata – se de desenvolver um processo coletivo que busque compreender os motivos pelos quais muitas crianças e adolescentes também não conseguem encontrar um lugar na escola (PAULON, 2005, p.24) .

A pessoa que tem algum tipo de dificuldade precisa se sentir parte, sentir-se meio. A pessoa que precisa ser incluída dentro da comunidade escolar é um ser que pode construir a sua história, que tem uma história que já vem ao longo do tempo. Essa importância do professor ter esse olhar inclusivo, receber o diferente e respeitar acima de tudo, e acima de tudo também crescer, todos crescem, aquele que é incluído cresce, aquele que recebe cresce (SASSAKI, 2006).

A educação é para todos e de maneira igualitária, porém cada um precisa ter a sua individualidade, a sua forma de avaliação, a sua forma de adquirir seu conhecimento de uma forma diferenciada. Hoje em dia, ainda existem escolas especiais onde todas as crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência se encontra nessa escola, e elas tem mais uma educação especial, porém essa educação não substitui a escolarização, porque isso também tira delas o direito da cidadania, o direito de conhecer o outro, o direito de ter seu direito reconhecido (ALVES, 2009).

A INCLUSÃO COMO UM DESAFIO: O ALUNO SURDO NESSE CONTEXTO

Os desafios enfrentados pela pessoa surda no cotidiano do ensino regular e as contradições presentes na sociedade são inquietações e temáticas que são discutidas e que tem levantado inúmeras indagações. Sabe-se que os surdos enfrentam diariamente situações diversas relacionadas à surdez que vão desde os rótulos, estigmas até a ausência de profissionais que atendam às suas necessidades enquanto estudantes.

É notório desejo das pessoas surdas de estudar, aprender e através desse aprendizado conquistar de qualidade de vida e realizar-se profissionalmente, cientes de seus direitos e



deveres. Segundo a constituição federal brasileira (BRASIL, 1988), é dever do Estado e da família proporcionar condições de acesso e aprendizagem a toda pessoa, sendo de responsabilidade dessas duas principais instituições sociais proporcionarem as mesmas condições para uma aprendizagem significativa.

Para que se cumpra o que a Lei cita é necessário investimentos nessa modalidade de inclusão, a existência de compromisso do trabalho em conjunto, formação continuada do corpo docente e funcionários das instituições de ensino, seja capaz de não somente destacar como receber uma pessoa com deficiência em sala de aula, uma vez que a inserção de um surdo ou qualquer estudante com necessidades especiais no espaço escolar precisa respeitar as mesmas oportunidades e qualidade de aprendizagem a todos.

A desigualdade linguística e a falta de domínio de ambas as línguas pelo sujeito são acontecimentos que tornam notórios e potencializam a ideia de uma inclusão que não vai de encontro com as necessidades quanto à formação do educando. Assim como o professor da atualidade não possui preparo para as diferenças principalmente no que diz respeito a língua usada pelos surdos, esses estudantes em sua maioria não estão preparados para o modelo inclusivo que possuímos e essa realidade inclusiva não é condiz com as solicitações do movimento surdo.

As salas de aula inclusivas, não estão preparadas para que o trabalho seja realizado de forma eficaz e igualitário, e sabe-se que o tempo não é o mesmo para os que ouvem e os que não ouvem aprenderem juntos, não pela capacidade, mas pela modalidade linguística e desenvolvimento linguístico que apresentam.

Para o educando surdo, é fundamental a presença de um intérprete de LIBRAS para que haja mediação na comunicação em sala de aula, mas não é nele que estão centradas as práticas de ensino, ainda que o intérprete de acordo com Lacerda (2002) participe de todo processo escolar, possibilitando aprendizagem, é importante que o professor tenha conhecimentos para direcionar, comunicar, planejar e ensinar os estudantes com competência e qualidade. Uma vez que é nele que estão concentradas todas as metodologias, e que será o transmissor que irá promover ações que irão desenvolver as habilidades necessárias aos alunos.

O desafio da inclusão é realmente incluir o sujeito, respeitando sua língua, cultura e as diferentes identidades que surgem na sala de aula. Não basta apenas colocar o estudante surdo junto com os demais, é necessário suporte que demande em todas as áreas e espaços da escola.

O educando surdo precisa ser tratado como igual, apesar de suas limitações físicas, o mesmo não deve ser visto como coitadinho ou como alguém que vai dar mais trabalho ao



professor, ele deve ser visto como um sujeito dotado de capacidades que sobrepõe a ausência da audição. A inserção do educando surdo é benéfica para todos, é uma cultura e um mundo a mais no meio de vários que existem dentro da escola. Mas é necessário que a permanência desses sujeitos sejam efetivas e eficiente de maneira significativa (RODRIGUES, 2006).

O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO

O papel desse professor ao se deparar numa sala de aula com o aluno surdo, no primeiro momento a receber é acolher esse aluno, caso não tenha a formação específica, necessita-se que ele tenha um intérprete de LIBRAS traduzindo as aulas. O intérprete de LIBRAS é garantido por lei, o aluno surdo tem esse direito (FELIPE, 2007).

O olhar do professor é essencial ao receber esse aluno e atender as necessidades educativas de cada um, respeitar LIBRAS com a sua primeira língua e cada aluno vai ter sua especificidade. É possível o professor contribuir com a aprendizagem de cada um, respeitando cada ritmo. Cada aluno vai ter uma necessidade diferente, não existe uma receita pronta para a inclusão (FELIPE, 2007).

Torna-se também essencial neste contexto, a comunicação visual na área da deficiência.

A comunicação visual engloba um universo amplo de formas de expressão que envolve as artes visuais como pintura escultura, desenho, gravuras, desenho industrial, incluímos a arte gráfica, cinema, fotografia, televisão, vídeo, computação, que resultam dos avanços tecnológicos e das transformações estéticas da modernidade BUENO, 2000, p19).

Representam, portanto, uma nova maneira onde a criança se expressa, comunica-se e atribui sentido as sensações, pensamentos e sentimentos facilitando o processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo.

As pessoas precisam de uma transformação radical no olhar e as escolas, nesses espaços, esses ambientes escolares precisam de uma modificação também na maneira de receber esse aluno, nas avaliações, no planejamento, na metodologia diferenciada, o aluno tem direito as adaptações.

A educação inclusiva é constituída por leis, ela vai desde a educação infantil até o ensino superior, um aluno incluído numa universidade, na faculdade vai ter todas as adaptações necessárias mesmo numa faculdade, ele vai ter um intérprete de LIBRAS. A educação inclusiva perpassa todos os níveis, todas as etapas, todas as modalidades de ensino (MANTOAN, 2015).

Em uma sala de aula inclusiva, é preciso que a aprendizagem ocorra porque o acesso já é universalizado, desde a constituição de 1988 que fala que a educação é um direito para todos.



A escola é o espaço, é um lugar de todos os alunos, mas numa sala de aula o acesso é permitido, mas a permanência desse aluno em sala de aula? Precisa estar ali, mas com meios para que a aprendizagem ocorra, o ensino de qualidade, uma qualidade do ensino, porque não é só o professor receber um aluno em sala de aula, e às vezes não ocorre de fato uma inclusão, ele está integrado naquele meio, mas a inclusão não está ocorrendo (QUADROS, 2006, p.14).

Não é o aluno que tem que se adaptar à escola é a escola tem que se adaptar às necessidades educativas desse aluno. A questão atitudinal é a maior barreira do sucesso da inclusão, se aprende muito com a diferença, somos diferentes. Freire sabiamente disse que ensinar exige amor, respeito, e a discriminação não pode fazer de uma rotina, de um ambiente escolar (QUADROS, 2006).

Faltam alguns professores a questão de receber bem, de olhar diferente para esse aluno, ter um olhar especial para esse aluno, respeitando seu limite, respeitando sua necessidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a pesquisa realizada o primeiro passo para uma acessibilidade pedagógica é uma transformação radical na postura do professor dele se despir de preconceitos, a questão atitudinal é a primeira barreira no sucesso de inclusão de alunos (QUADROS, 2006).

Quando se fala de educação inclusiva, nós somos um país que exporta leis, principalmente de se assumir de inclusão, mas a verdadeira inclusão que a gente almeja ainda está muito distante de acontecer principalmente quando se trata da formação do professor (MANTOAN, 2015).

Conforme abordado, em se tratando do aluno surdo, é fundamental que o professor conheça a língua desse surdo, conheça a Língua de Sinais - LIBRAS que é a primeira língua, é a língua materna no nosso aluno surdo, e através da língua de sinais que o aluno venha aprender o português como segunda língua na modalidade escrita (FELIPE, 2007).

Através da entrevista realizada com a diretora Centro de Atendimento Educacional Irmã Joana Margarida Gasparin (CAEE), a mesma deixou claro que para o surdo na rede regular o ideal é eles serem inclusos em sala bilíngue em que a maioria seja surdo. Assim, é preciso que o professor seja um professor bilíngue, ele tem que buscar uma formação em LIBRAS porque a L1 para o surdo é a LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais.

A entrevistada sempre repassa orientações para os professores do Colégio Municipal Ruy Barbosa. O colégio atualmente atende 1 aluno surdo.



Conforme a entrevistada, é necessário que o surdo conheça LIBRAS para aprender as demais. Agora se o professor em todas as situações não tem ainda esse conhecimento, ele não é um professor bilíngue, o mais recomendável é que ele utilize (o mundo dos surdos é um mundo visual) o máximo possível passar para os alunos experiências visuais.

Logo, o professor deve utilizar imagens, vídeos, deve fazer onde o aluno aprenda por meio de experiências visuais, esse é o que mais vai se aproximar de uma compreensão para o surdo. O professor deve ofertar experiências visuais, mas o ideal mesmo é que ele seja um professor bilíngue, então o correto é ele buscar essa formação.

No Colégio os professores desenvolvem atividades de maneira que são levados em conta elementos da percepção visual e espacial com a finalidade que o aluno Surdo possa adquirir os subsídios essenciais para construir seu próprio conhecimento. Logo, almejando uma aprendizagem significativa do estudante surdo, os professores propõem atividades didáticas incluindo recursos pedagógicos como o jogo, o material concreto, vídeos, imagens, a manipulação de objetos e o desenho, considerando que a aprendizagem do aluno surdo é mediada por estes canais sensoriais.

Ainda conforme a entrevistada, agora foi sancionado o direito a educação bilíngue pela LDB. Então a gente vai precisar que os profissionais realmente se qualifiquem, porque hoje é um direito dos surdos que ele tenha uma educação bilíngue.

No colégio contamos com uma intérprete. Conforme Lacerda (2002, p.34)

Na falta desses profissionais, a interação entre surdos e ouvintes fica muito prejudicada. Os surdos ficam limitados a participar apenas parcialmente de diversas atividades (pelo não acesso à língua oral), desmotivados pela ausência de acesso ou total exclusão das informações.

Assim, o mesmo fica presente no decorrer das 5 aulas procurando manter um trabalho em parceria para favorecer uma melhor maneira possível da explicação dos assuntos, de forma a assegurar a aprendizagem, interação entre os estudantes surdos e ouvintes, procurando fazer com que o estudante surdo interaja com os colegas, sinta-se incluso, capaz de desenvolver-se e comunicar-se com a sociedade ouvinte

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a educação inclusiva traz em suas leis e artigos, diretrizes que beneficia realmente a inclusão dos alunos com deficiência desde a educação infantil.



Percebe-se, pois, que legislação referente à inclusão, que a inclusão do estudante com deficiência na rede regular de ensino é direito real e certo, compete ao Poder Público favorecer sua real consecução.

A tudo que foi abordado, entende-se que a Educação Especial é modalidade de ensino na Educação Básica, onde apresentam os mesmos objetivos, princípios e diretrizes das etapas da mesma, cabendo, logo, favorecer aos estudantes que apresentam alguma deficiência as condições indispensáveis para acesso, o desenvolver e o permanecer no ensino regular, desenvolvendo, para tanto, suas potencialidades em instituições e serviços educacionais propícios para tal finalidade.

A escola se torna inclusiva, a partir do momento em que desenvolve a aceitação das singularidades de seus discentes e se propõem a analisar suas práticas e torná-las de acordo com as especificidades de cada pessoa, de modo a atender a todos sem acepção.

O desafio da escola está em fazer da educação disponibilizada, uma educação como enfatiza a constituição e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de direito a todos, universalizada e de qualidade. Portanto, é preciso conhecer, respeitar e aprender com o outro.

Quando o surdo está em evidência é necessário levar em conta a relevância das interações no espaço escolar, tendo a língua de sinais como primeira língua e língua de instrução sem deixar de lado a língua do país em sua modalidade escrita. Este é o maior desafio da escola que diz respeito a inclusiva por imposição da Lei: fazer da inclusão atualmente existente, uma inclusão que realmente atinja a todos sem exclusão, um direito e não mera aceitação de diferenças que incluem e por contradição segregam.

Ao professor é preciso prover condições de aprender e fazer utilização da língua do aluno surdo, de forma que este aluno tenha direito desde o nascimento de aprender e desenvolver sua primeira língua em igualdade de condições com que os ouvintes tem direito as interações primárias.

Para isso, precisa que se investir mais em políticas e em ações, entendendo que a escola é uma instituição essencial para a realização destas práticas sociais que são precisas, porém não poderá agir de forma isolada, precisa de políticas postas em práticas nas condições de trabalho e nas especificidades de cada estudante que a recebem em sala de aula.

Para que isso se torne realidade, toda a comunidade escolar tem o desafio, não apenas de acolher e integrar, mas de aprender com os sujeitos onde o diálogo é essencial no processo.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

BUENO, J. G. Formação dos professores para alunos surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 4, n. 6, p. 10-15, 2000

FELIPE, T.A.; **Libras em contexto**. 8 ed. Rio de Janeiro, Wal Print Gráfica e Editora. 2007.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes**: problematizando a questão. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.). Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000b. p. 51-84

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

PAULON, Simone Mainieri. **Documento subsidiário da política de inclusão**\\ Simone Mainieri Paulon Lia Beatriz de Lucca. Freitas, Gerson Smiech Pinho – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

QUADROS; R. M.; **Estudos Surdos I**. Petrópolis – R.J, Editora Arara Azul, 2006.

RODRIGUES, D. **Inclusão e Educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

SASSAKI, R. K. **Educação Profissional**: Desenvolvendo Habilidades e Competências. Anais do III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores. Brasília, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino. – 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.